

DICIONÁRIO COLABORATIVO DE LIBRAS, UM APLICATIVO PARA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA LINGÜÍSTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.

Maria Eliza Rocha Silva¹; Ronny Diógenes de Menezes²

¹UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, e-mail: mariaelizarn@hotmail.com

²UFRN, Caicó, Rio Grande do Norte, Brasil, e-mail: ronny.menezes@ufrn.br

Resumo: Este artigo analisa o dicionário colaborativo em Língua Brasileira de Sinais (Libras), CoLibras, enquanto tecnologia digital assistiva no contexto da educação inclusiva. Parte-se do reconhecimento da Libras como língua visual-gestual e eixo central da educação de surdos, compreendendo as tecnologias digitais como mediadoras fundamentais do acesso linguístico e do conhecimento. A metodologia caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, fundamentado em pesquisa bibliográfica e documental, ancorado nos referenciais de Severino (2016) e Yin (2015). O estudo dialoga com autores da educação inclusiva, da educação de surdos e das tecnologias educacionais, além de legislações que asseguram os direitos linguísticos da pessoa surda. Discute-se o papel dos dicionários digitais em Libras, destacando-se o caráter colaborativo do CoLibras e suas potencialidades pedagógicas no fortalecimento do ensino bilíngue, na valorização das variações linguísticas e no protagonismo da comunidade surda. Conclui-se que o CoLibras constitui um recurso relevante para a salvaguarda da memória linguística, a ampliação do acesso ao léxico e a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, democráticas e humanizadas.

Palavras-chave: Libras. Educação inclusiva. Tecnologias digitais. Dicionário colaborativo.

Introdução

Em tempos de avanços nas tecnologias de informação e comunicação, diversos elementos que antes estavam distantes podem ser acessados com um simples toque. No panorama educacional, em especial a educação inclusiva no nosso século consolida-se em um paradigma ético, político e pedagógico orientado pela valorização da diversidade humana e as garantias de direitos como o da educação (Mantoan, 2003). Nesse sentido, a educação inclusiva contemporânea supera progressivamente, mas ainda a passos lentos, a lógica integracionista em favor da perspectiva da transformação das instituições escolares para atender as diferenças.

No que tange à educação de surdos, destacamos que historicamente desafios ainda recorrentes como: a exclusão social, privação linguística, falta de acesso à educação e serviços

essenciais. No Brasil, acrescentamos os períodos de proibição do uso da Língua de Sinais e imposição de abordagens centradas em métodos clínicos, que se concentravam na falta da audição e suprimiam a língua e a cultura surda (Araújo & Braga, 2025). No entanto hoje, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) que tem sua natureza visual-gestual com estrutura própria é reconhecida como eixo central da educação de surdos no Brasil (Quadros, 2005), garantindo o desenvolvimento linguístico e identitário de pessoas surdas.

Assim, a educação bilíngue compreende o sistema mais eficaz para o processo de ensino e aprendizagem de estudantes surdos, pois tem a cultura surda como base do ensino (Menezes 2025), e a Libras como primeira língua (L1) e a língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua (L2), assegurando o direito à diferença linguística e cultural (Lacerda, 2018). Nesse sentido, as tecnologias digitais têm desempenhado papel importante por possibilitarem novas formas de comunicação, interação, registro e construção do conhecimento.

No âmbito da educação de surdos, esses recursos favorecem o acesso à Libras por meio de plataformas visuais, aplicativos e ambientes digitais que contribuem para mediação pedagógica e democratização do conhecimento linguístico (Gesser, 2009) sendo aliadas a uma intencionalidade pedagógica e aos princípios inclusivos. Para Brasil (2015), as tecnologias digitais e assistivas são instrumentos potentes para promoção da equidade educacional, da educação bilíngue e a participação ativa dos estudantes surdos nos processos de ensino e aprendizagem.

Nesse cenário, este artigo tem como objetivo a reflexão sobre o CoLibras¹, um dicionário digital colaborativo de Libras, como uma tecnologia assistiva voltada à ampliação do acesso linguístico e ao fortalecimento do ensino bilíngue de surdos. Ao permitir a consulta, compartilhamento e inserção dos sinais em Libras, a plataforma favorece a democratização do acesso linguístico, respeitando as variações regionais, assim, o Colibras se configura como um recurso gratuito e de acesso aberto que pode ser incorporado em contextos educacionais contribuindo para práticas docentes mais acessíveis e humanizadas.

O presente estudo caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa, voltado à investigação profunda e detalhada do aplicativo CoLibras. De acordo com Yin (2015), essa estratégia permite analisar o fenômeno em seu contexto real, utilizando-se da pesquisa bibliográfica e documental para fundamentar a análise das potencialidades pedagógicas da

¹ Disponível em: <https://colibras2020.web.app/>

ferramenta. O objetivo consiste em investigar como o CoLibras atua na ampliação do acesso linguístico e na promoção de práticas educativas inclusivas e humanizadas.

Libras, tecnologias digitais e acesso linguístico na educação de surdos

A educação de surdos fundamenta-se no reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua natural da comunidade surda na modalidade visual-gestual e com estrutura linguística própria. Assim “as línguas de sinais são línguas naturais completas que apresentam todos os níveis linguísticos encontrados nas línguas orais” (Quadros e Karnopp, 2004, p.30). Essa ideia rompe com o que se compreendia historicamente sobre a surdez na perspectiva clínica que desconsiderava as dimensões linguísticas, culturais e identitárias dos surdos.

Nesse sentido, a Libras e a cultura surda constitui-se o pilar da educação de surdos, pois seu acesso precoce é condição fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e educacional. A privação do acesso à língua compromete os processos de aprendizagem, interações sociais reforçando cada vez mais as desigualdades históricas (Goldfeld, 2002). Strobel (2008) reitera que a experiência visual organiza a forma como o sujeito surdo percebe e interage com o mundo, assim, a Libras é o eixo estruturante da construção identitária e da cultura surda.

A Libras, juntamente com a cultura surda, não é apenas um meio de comunicação, mas também um elemento fundamental que define a identidade da comunidade surda (Perlin, 2011). Com a Libras a memória linguística dessa comunidade é desenvolvida e fortalecida, essa memória pode ser entendida como o conjunto de práticas, registros e narrativas construídas ao longo do tempo, refletindo experiências coletivas e processos históricos reais. Essa memória está profundamente ligada às lutas da comunidade surda por acesso à educação e pelo respeito à diferença linguística.

Historicamente, a Libras enfrentou processos de silenciamento e marginalização, especialmente na fase do Oralismo após o Congresso de Milão em 1880. Nesse contexto, para Skliar (2016) houve uma quebra com percas difíceis de serem reparadas nas práticas linguísticas e culturais comprometendo assim, a preservação da memória linguística. Como destaca Sofiato et al. (2021) que por um longo período da história tivemos a perda da aquisição linguística natural da Libras, a erosão da identidade cultural surda e a memória linguística fragmentada.

Nesse cenário, o registro sistemático da Libras é fundamental. Pesquisas linguísticas, dicionários bilíngues, gramáticas, acervos audiovisuais e narrativas em Libras contribuem para documentar as variações regionais, mudanças lexicais e os aspectos discursivos da língua. Esse

processo de descrição linguística da Libras é essencial não apenas para fins acadêmicos, mas assegura a transmissão intergeracional, especialmente em contextos bilíngues.

A Lei Nº 9.394, no Art. 59, declara que “Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”. Esses “recursos educativos” dependem, principalmente do empenho das autoridades em promover a adaptação dos recursos pedagógicos e oferecer formação continuada que atendam as necessidades educacionais dos surdos. Apoiando essa ideia, o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 nos informa das providências a serem tomadas pelos Instituições Federais de ensino (IFs):

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até a superior.

VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva.

Garantir às pessoas surdas “acesso à comunicação, informação e educação” é um dever das Instituições Federais (IFs). Contudo, esse acesso é bastante precário, uma vez que não são disponibilizados equipamentos e recursos didáticos que garantam, efetivamente, a educação desse público. Embora milhares de surdos no Brasil estejam cursando o Ensino Médio e o Ensino Superior, há poucos — ou quase nenhuns — materiais didáticos disponíveis em seu idioma materno. Essa escassez de recursos didáticos é um reflexo direto da falta de um registro sistemático da Libras, evidenciando que a preservação da memória linguística está diretamente relacionada à implementação de políticas públicas que garantam a catalogação de milhares de termos que nascem nas comunidades surdas pelo país, mas que, por não haver uma forma de registro, acabam desaparecendo. Isso impede que a riqueza da língua de sinais tenha todos os seus elementos preservados.

As tecnologias digitais assumem um papel estratégico na preservação da memória linguística das comunidades surdas, especialmente quando articuladas com a intencionalidade pedagógica. “As tecnologias ampliam as possibilidades de ensinar e aprender, mas não substituem a mediação pedagógica” (Kenski, 2012, p.44) que reforça o uso crítico, intencional e contextualizados desses recursos que quando concebidas como recursos pedagógicos e não somente meros instrumentos técnicos, podem potencializar os processos de ensino e

aprendizagem, ampliar a participação dos estudantes e favorecer práticas pedagógicas mais acessíveis.

No campo da educação de surdos as tecnologias digitais de base visual têm muita relevância, por dialogarem diretamente com a modalidade linguística da Libras. Segundo Quadros e Schmiedt (2006), o uso de materiais visuais e sinalizados favorece o desenvolvimento linguístico e cognitivo do estudante surdo, respeitando sua condição visual e sua experiência cultural. Recursos como vídeos, plataformas digitais, aplicativos e dicionários em Libras contribuem para mediação do conhecimento, ampliação do vocabulário e fortalecimento do ensino bilíngue. Sua importância se efetiva como instrumentos que promovem a funcionalidade, autonomia e participação social das pessoas com deficiência.

Entretanto é importante compreender que somente o uso da tecnologia não garante, por si só, o acesso linguístico. Lacerda e Santos (2014) alertam que a efetividade desses recursos depende da concepção pedagógica que reconheça a centralidade da Libras no processo educativo. Tecnologias que privilegiam apenas a tradução automática ou apoio pontual à comunicação podem reforçar uma lógica assistencialista.

Sob a perspectiva do dialogismo, o acesso linguístico mediado por tecnologias digitais deve ser compreendido como um fenômeno intrinsecamente social e ideológico. Conforme postula Volochínov (2019), a palavra é o signo ideológico por excelência, e sua realidade reside na interação verbal entre sujeitos situados historicamente. Nesse sentido, a linguagem não é um conjunto estático de sinais prontos para tradução automática, mas uma prática viva onde o sentido é construído no "entre-lugar" das consciências (Bakhtin, 2011). Ao considerar a linguagem como prática viva e dinâmica, o autor revela a importância da alteridade e da polifonia na produção dos significados que são elementos fundamentais para compreensão dos processos comunicativos em diferentes esferas sociais.

Ao articular essa concepção ao CoLibras constitui um espaço dialógico de construção coletiva do conhecimento linguístico. O caráter colaborativo do aplicativo permite que a comunidade surda participe ativamente da criação e validação dos sinais, promovendo a circulação de múltiplas vozes e usos da língua em contextos reais. Assim, o CoLibras não apenas registra sinais, mas materializa o dialogismo bakhtiniano ao possibilitar a constante ressignificação da Libras, fortalecendo sua dimensão sociocultural e o papel como língua legítima de interação e produção dos sentidos.

O CoLibras como tecnologia assistiva e recurso pedagógico

As tecnologias assistivas desempenham um papel estratégico na preservação da memória linguística da Libras, pois evidenciam seu uso. Bem como, no contexto escolar contribuem para o desenvolvimento dos alunos com deficiência, pois configuram a língua com recursos e estratégias que se tornam mais acessíveis a difusão do conhecimento e a perpetuação da memória linguística da Libras. Nesse sentido,

A tecnologia assistiva constitui-se como um conjunto de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência, promovendo autonomia, independência e inclusão. No contexto da educação de surdos, esses recursos tornam-se fundamentais, uma vez que possibilitam o acesso à comunicação, à informação e ao conhecimento por meio de estratégias visuais e linguísticas adequadas à Língua Brasileira de Sinais (Libras). (GIL; BUSATTA, 2023, p. 123).

Mediante diversos recursos como os aplicativos de tradução, os softwares e plataformas educacionais digitais, recursos pedagógicos de comunicação e acessibilidade e as tecnologias para preservação da memória linguística como os bancos de dados audiovisuais, museus virtuais de cultura surda, repositórios acadêmicos e digitais em Libras que ampliam as possibilidades de registro e circulação da língua, respeitando sua modalidade visual-espacial.

Cabe agora apresentar alguns exemplos de materiais disponíveis atualmente em nosso país como o ProDeaf e VLibras ambos foram adquiridos pelo aplicativo Hand Talk, SenaiLibras, Rybená, Librário e demais aplicativos em desenvolvimento ou fase de testes. O Novo Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2013) está em sua terceira versão, essa obra pode ser encontrada em Livrarias em todo o Brasil e adquirida por aqueles que tem recursos para isso. Outros dicionários já nasceram em instituições federais de ensino, como é o caso do dicionário do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) que foi lançado em 2006².

Mesmo com essas ferramentas, a comunidade surda ainda encontra dois problemas: a falta de recursos financeiros para adquirir esses materiais e a demora na atualização dos sinais presentes neles. O dicionário do INES está sendo atualizado aos poucos, mesmo assim a sua abrangência é limitada geograficamente. O Novo Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira está atualizado, entretanto isso implica que todos os que tinha a

² Disponível em <https://dicionario.ines.gov.br/>

versão anterior terão que comprar a nova edição. O mesmo problema de atualização e diversidade dos sinais é enfrentado pelos aplicativos Vlibras e Hand Talk.

Além desses problemas, há ainda a necessidade de esses dicionários refletirem o rápido desenvolvimento e evolução por qual todas as línguas vivas passam. Novos termos surgem a todos os momentos assim uma obra impressa está em extrema desvantagem nesse sentido, e uma obra online como é o caso do dicionário do INES, o Hand Talk e o VLibras, poderiam superar isso, mas não o fez.

Diante da lacuna deixada por plataformas que, embora digitais, permanecem estáticas e desatualizadas, ou atualizadas lentamente, frente à evolução da Libras, surge a necessidade de ferramentas que acompanhem a organicidade da língua em tempo real. É nesse cenário de busca por uma tecnologia responsiva e dialógica que se insere o CoLibras. Em seu desenvolvimento houve a cooperação entre professores e intérpretes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Instituto Federal Sertão de Pernambuco (IFPE) e Instituto Federal do Piauí (IFPI), sendo idealizado pelo professor Ronny Diógenes de Menezes, professor efetivo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atuando na docência de componentes curriculares na área da educação de surdos. Este aplicativo conta com todo um planejamento ideológico/prático de pessoas interessadas em contribuir para uma sociedade inclusiva e que ofereça um suporte maior aos surdos.

O CoLibras foi desenvolvido como uma plataforma mobile baseada em tecnologias híbridas. Seu ciclo de desenvolvimento integrou conceitos de Interface Gráfica do Usuário (GUI), Interação Humano-Computador (IHC) e Design Thinking. Tecnicamente, a aplicação utiliza o framework Ionic, linguagem Angular e o editor Sublime Text. Para a persistência de dados e infraestrutura de backend, foi adotado o Firebase com um modelo relacional, cuja interface principal pode ser visualizada na Figura 1.

Figura 1 – Interface web



Fonte: CoLibras (2020)

REALIZAÇÃO:



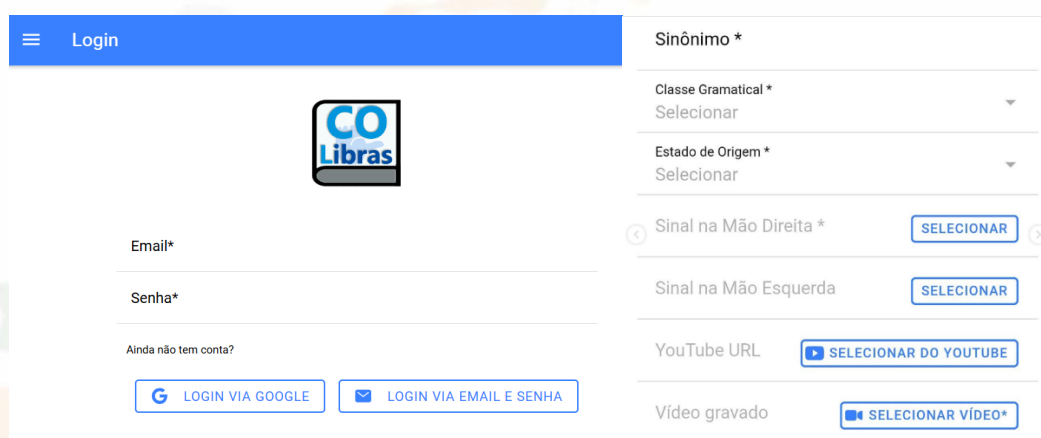
UECE



AINPGP

A interface web apresentada na Figura 1 caracteriza-se por um design limpo, com cores e contrastes bem definidos. A linguagem é simples e as opções são claras, incluindo detalhes de acessibilidade compatíveis com leitores de tela. O mecanismo central do aplicativo utiliza a correlação entre figuras e palavras para atender à modalidade visual da Libras. Trata-se de um recurso gratuito e de acesso aberto, disponível para Android na Play Store e via navegador. Para alimentar esse banco de dados, o sistema dispõe de funcionalidades específicas de cadastro, conforme ilustrado nas Figuras 2 e 3.

Figuras 2 e 3 – Adicionar uma palavra



Fonte: CoLibras (2020)

As telas de "Adicionar uma palavra" (Figuras 2 e 3) permitem a inserção de novos sinais por usuários autenticados via conta Google ou cadastro próprio. Para o registro, o usuário deve informar o nome do sinal, sinônimo, classe gramatical, origem geográfica (respeitando o regionalismo) e as configurações de mão. O registro visual exige um vídeo em formato paisagem com duração máxima de 4 segundos, sendo também possível anexar links do YouTube. Além da inserção, o aplicativo oferece robustas ferramentas de pesquisa, como a busca por parâmetros específicos demonstrada nas Figuras 4 e 5.

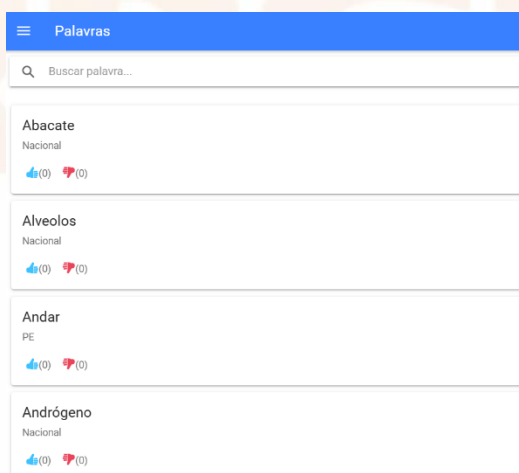
Figura 4 e 5 – Busca por configuração de mãos



Fonte: CoLibras (2020)

Na busca por configuração de mãos, observada nas Figuras 4 e 5, o usuário dispõe de 64 opções organizadas em três abas. Ao selecionar uma configuração específica, o aplicativo detalha o sinal e lista as palavras correspondentes cadastradas. Os resultados são organizados por ordem alfabética, estado de origem e pela avaliação da comunidade, permitindo uma navegação precisa entre as variações linguísticas. Outra forma de interação é a visualização direta do léxico, exemplificada na Figura 6.

Figura 6 – Visualizar palavra



Fonte: CoLibras (2020)

Conforme demonstrado na **Figura 6**, a busca por palavras pode ocorrer de duas formas: por meio de pesquisa direta no campo "Buscar palavra..." ou pela navegação manual na lista alfabética. Em ambos os casos, o sistema exibe a identificação da origem geográfica e o índice de satisfação dos usuários. Uma vez selecionada a palavra, o sistema apresenta informações detalhadas sobre o sinal, como mostram as **Figuras 7 e 8**.

Figuras 7 e 8 – Detalhe do sinal

Ator

Sinônimo:

Artista

Classe Gramatical:

Substantivo

Estado de Origem:

Nacional

Categoria:

Não definida

Configuração de Mão Direita



Configuração de Mão Esquerda



Ator

Visualizar Sinal

YOUTUBE

STREAM



0:04 / 0:05

Fonte: CoLibras (2020)

Cada palavra selecionada expande-se em uma tela de detalhes (**Figuras 7 e 8**) que inclui sinônimos, classe gramatical, região e as configurações de mão. O sinal pode ser visualizado via *streaming* próprio ou pelo YouTube. Além da consulta, o CoLibras permite que os usuários avaliem os sinais e reportem incoerências, garantindo a melhoria contínua dos dados.

Nesse sentido, Quadros (2006) enfatiza que, no contexto da educação de surdos, a tecnologia assistiva deve atuar como mediadora do acesso linguístico, contribuindo para a valorização e preservação da Libras. Assim, o CoLibras consolida-se como uma tecnologia assistiva bilíngue, construída pela e para a comunidade surda, assegurando a preservação da diversidade e da memória da língua de sinais.

Conclusões

A análise do aplicativo CoLibras permite concluir que este se constitui como uma tecnologia assistiva de vanguarda, indo além da simples catalogação de sinais para atuar como um dispositivo de salvaguarda da memória linguística da comunidade surda brasileira. Ao adotar o modelo colaborativo, a ferramenta subverte a lógica tradicional de dicionários estáticos, permitindo que as variações regionais e as gírias emergentes — muitas vezes invisibilizadas em registros oficiais — sejam documentadas e preservadas.

Do ponto de vista pedagógico, o CoLibras apresenta-se como um recurso indispensável para a educação bilíngue, mediando o acesso ao conhecimento de forma intuitiva e visual. A sua estrutura, fundamentada na interação humano-computador e no protagonismo do utilizador, reforça a autonomia do aluno surdo e oferece ao professor um suporte didático dinâmico, capaz de acompanhar a evolução orgânica da Libras.

Em suma, o CoLibras cumpre o papel de tecnologia libertadora, reduzindo barreiras comunicacionais e promovendo a equidade no acesso à informação. Para trabalhos futuros,

recomenda-se a realização de estudos de caso que avaliem o impacto direto da aplicação no desempenho escolar de alunos surdos, bem como o contínuo aprimoramento da sua base de dados através do engajamento coletivo, garantindo que a tecnologia continue a servir como um espelho fiel da riqueza e diversidade da língua de sinais no Brasil.

Referências

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; BRAGA, Aline Cristina Clemente. **A história da Língua Brasileira de Sinais**. Revista Educação & Ensino, UniAteneu, 2025.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm . Acesso em: 08 jan. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm . Acesso em: 20 jan. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm . Acesso em: 20 jan. 2026.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**: Libras. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2013.3 v.

COLIBRAS 2020. **CoLibras 2020**. Aplicativo/Plataforma digital para consulta de Libras. Disponível em: <https://colibras2020.web.app/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Tatiane de Souza; BUSATTA, Camila Aguilar. **O USO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ESTUDANTES SURDOS**. Revista de Ciências Humanas, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 119–134, 2023. DOI: 10.31512/19819250.2023.24.02.119-134. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/revistadech/article/view/4576>. Acesso em: 21 jan. 2026.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/> . Acesso em: 22 jan. 2026.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. **Tenho aluno surdo, e agora?** São Carlos: EduFSCar, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

Menezes, R. D.; Silva, M. P. **A surdidade no currículo da educação bilíngue** (Org) Antonio Henrique Coutelo de Moraes, Flávia Roldan Viana e Ronny Diogenes de Menezes (Organizadores) Caminhos da educação bilíngue para surdos no Brasil. São Paulo: Mentis Abertas, 2024. 129 p.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKYLAR, C.(org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5º ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SOFIATO, C. G.; CARVALHO, P. V.; COELHO, O. **A educação de surdos no Brasil no século XIX e o legado de países europeus**. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-77352021000100102#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20surdos%20teve,1857%2C%20no%20Rio%20de%20Janeiro. Acesso em: 04 fev. 2026.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

VOLOCHÍNOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.